

O 25 de Abril na cena cultural galega do século XXI

Carla Sofia Amado (Universidade de Santiago de Compostela)

[...] metaforicamente falando, as chamas da Revolução dos Cravos transpuseram as fronteiras nacionais (Matos 2014, 11).

Introdução

É sabido que há na Galiza um interesse especial por Portugal e que, por conseguinte, o tecido cultural galego é muito permeável aos fenómenos que ecoam desde o outro lado da fronteira. Pode-se mesmo dizer que existe uma espécie de lista de “símbolos ligados a Portugal que [...] continuam operativos” (Quiroga 2022, 136) e que funcionam sempre como pedras basilares para o galeguismo histórico – o movimento político que advoga a autonomia da Galiza.¹ Já desde o século XIX, altura em que surgiram os primeiros movimentos protossistémicos galeguistas,² que vão contra o sistema cultural vigente e normativo em termos culturais e linguísticos, que Portugal constitui um “histórico referente de reintegração [...] do galeguismo com diferentes dimensões” (Torres Feijó 2002, 114), dada a geografia e os vínculos históricos, humanos, culturais e linguísticos próximos.

O 25 de abril de 1974 consta num dos lugares cimeiros da lista de símbolos portugueses de referência para a Galiza e, segundo Quiroga, tem sido sempre um dos objetos que “mais devoção tem provocado de forma persistente e seguramente de grau superior, contribuindo para a estima que se tem dado a Portugal” (Quiroga 2022, 135–136). De facto, a Galiza acompanhou intensamente o 25 de Abril, registando-se na imprensa local um notório “aumento equivalente do interesse pelo processo revolucionário português no conjunto da opinião pública galega” (Samartim 2014, 27). O mesmo aconteceu a nível nacional, com a imprensa espanhola a dar uma grande cobertura aos acontecimentos (Luis 2009, 23).

1 Por vezes, o galeguismo é também associado ao nacionalismo de esquerda ou nacionalismo histórico.

2 Torres Feijó traçou no início dos anos 2000 um quadro teórico, dada a “necessidade de ajustar conceitualmente a ideia de sistema para a sua aplicação ao caso galego” (Lourido 2012, 70). De acordo com esse quadro, protossistema refere-se a uma rede que determinados grupos emergentes, em conflito com os do sistema das redes culturais vigentes, querem consolidar num determinado espaço social. A distinção com subsistema reside no facto de o subsistema se assumir como pertencendo ao sistema maior, apesar de existirem diferenças relativamente a ele.

Como veremos, o interesse de boa parte da intelectualidade e das instituições culturais e políticas galegas por este tema não esmoreceu ao longo das décadas. Bem pelo contrário – facto que se verifica não só na sua continuada repercussão na imprensa, como também na cena cultural. Torres Feijó fala-nos mesmo da “preferência dada em bastantes casos à actividade cultural como elemento de resistência³ e/ou afirmação⁴” e salienta que as próprias ideologias de forças partidárias galeguistas de esquerda para isso se serviram da cultura e da literatura no pós-revolução (Torres Feijó 2007, 690).

O presente artigo⁵ pretende identificar e analisar as iniciativas culturais que estão subordinadas à temática da Revolução dos Cravos e que foram organizadas na Galiza entre 2006 e o final de 2022. Em 2006 formalizou-se a Cooperação Territorial Transfronteiriça,⁶ tendo sido criada em 2008 a Eurorregião Galiza–Norte de Portugal, através da abertura do AECT Galiza–Norte de Portugal. Para recolhermos as ações culturais que analisaremos neste artigo, procedemos a pesquisas online, através do motor de busca Google, pelos seguintes termos e expressões, tanto em português, como em galego ou espanhol: “claveles galicia abril”; “claveles vigo abril”; “claveles santiago de compostela abril”; “25 de abril portugal galicia”; “fundación galiza sempre 25 de abril”; “a esmorga ourense 25 de abril”; “agal 25 de abril”; “academia galega da língua Portuguesa 25 de abril”; “consello da cultura galega 25 de abril”; “gentalha do pichel, 25 de abril”; “artábria, 25 de abril”; “artábria, revolução”; “artábria, claveles”. A estes termos adicionámos o nome de associações e instituições que mais prementemente se relacionam com a organização de eventos ligados à cultura portuguesa e que conhecemos quer pela bibliografia (Quiroga 2022), quer como consequência da recolha de dados para o nosso estudo de caso no âmbito da tese de doutoramento. Os próprios resultados que fomos obtendo também nos direcionaram para outras entidades, junto de cujas páginas obtivemos depois mais registos. A grande maioria dos registos encontrados tem origem em notícias da imprensa online ou em publicações nos blogs das associações e centros cívicos. Também recorremos aos Informes do Centro Ramón Piñeiro.⁷

3 A resistência é um dos três polos identificados pelo investigador Samartim que caracterizam as tentativas de normalização da cultura galega e que geram tensão entre si: a oficialidade, a resiliência e a resistência. No tardofranquismo – a última etapa da ditadura franquista, que se situa entre fins de 1969 e a morte de Franco em 1975 – verificaram-se, por um lado, tentativas de legitimar um novo quadro institucional (oficialidade), por outro, tentativas de afastamento da cultura espanhola através de movimentos sociais (resistência) e, no meio, as de uma cultura nacional/popular (resiliência) (Lourido 2022).

4 Texto escrito ao abrigo da chamada “Norma AGAL da língua galega”, utilizada pelos reintegracionistas galegos. O reintegracionismo é um movimento social que pretende a reintegração e adaptação da língua galega ao âmbito linguístico português. Existem, no entanto, diferenças ortográficas, como é o caso da terminação do ditongo nasal -ão /-om (AGAL 2023).

5 Parte da tese de doutoramento “Mapeamento e análise da ação cultural portuguesa na Galiza a partir da formalização europeia da Cooperação Territorial Transfronteiriça” no âmbito do Programa de Doutoramento em Estudos da Literatura e da Cultura da Universidade de Santiago de Compostela, sob a Direção das Professoras Doutoras M. Carmen Villarino Pardo e M. Felisa Rodríguez Prado.

6 Através do Regulamento n.º 1082/2006 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 5 de julho de 2006, relativo aos Agrupamentos Europeus de Cooperação Territorial (AECT) (Eur-Lex 2006).

7 Consultámos os relatórios da Literatura do Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades, que não se cingem a listas bibliográficas, disponíveis online para todas as publicações na Galiza entre 1995 e 2019 e que apresentam todas as obras literárias publicadas em galego, assim como recen-

Terminologicamente, as palavras “iniciativa”, “evento”, “atividade (cultural)” e “ação cultural” são por nós neste estudo consideradas sinónimos e respeitam a todas as iniciativas promotoras da cultura portuguesa que, através de conferências/palestras, exposições de filmes, apresentações de livros, leituras e declamações, concertos, peças teatrais ou exposições, etc. são organizadas por diferentes tipos de entidades (institucionais, académicas, associativas ou educativas), i. e., respeitam a ações culturais subordinadas a um determinado campo/área cultural e, portanto, com uma tipologia concreta daí derivada. As atividades e as suas respetivas edições pertencem a diferentes campos/áreas culturais: (i) as artes visuais; (ii) o cinema/audiovisual; (iii) a herança; (iv) as interartes (a relação entre as várias artes); (v) a juventude; (vi) a literatura; (vii) a música e (viii) o teatro. Uma atividade cultural pode ter tido, portanto, várias edições, tenham elas sido anuais ou bianuais, assim como também pode ter tido, num mesmo ano, e normalmente num mesmo período de dias/semanas, várias “subatividades” relacionadas.⁸

Os nossos objetivos com este estudo são: (i) contribuir para atualizar a descrição da relação (histórica) galego-portuguesa em matéria cultural; (ii) caracterizar a organização e realização de iniciativas e projetos de âmbito cultural em torno da cultura portuguesa na Galiza e também, mais concretamente, da temática do 25 de abril de 1974; (iii) analisar publicações e divulgações que, no espaço de tempo em análise, anunciaram, sistematizaram, resumiram e relataram eventos culturais dedicados à Revolução dos Cravos na Galiza; (iv) identificar os agentes envolvidos, assim como a localização, as áreas e as sub-temáticas das iniciativas; (v) analisar os objetivos dos agentes envolvidos na organização dos eventos, explicando-os.

De forma a cumprirmos esses objetivos, começaremos por fazer um retrato do relacionamento galego-português, do ponto de vista da Galiza, enquadrando-o através da bibliografia existente e descrevendo a presença de Portugal na cena cultural galega atual. De seguida, faremos uma análise da vivência dos acontecimentos do dia 25 de Abril na Galiza, quer no próprio ano de 1974, quer na atualidade, recorrendo, em primeiro lugar ao seu acompanhamento pela imprensa e, depois, aos eventos culturais que ali tiveram lugar ao longo de 16 anos (entre 2006 e 2022), nomeadamente os relacionados com a temática que aqui nos interessa: a Revolução dos Cravos e, a ela associada, a figura de José Afonso,⁹ que concluímos através da pesquisa ser omnipresente

sões e outros elementos como publicações em jornais e revistas, prémios literários, etc., acompanhados todos eles de uma descrição ao nível do conteúdo e história.

8 Por exemplo, a atividade “Galiza com o 25 de abril, sempre!” (23–28 de abril de 2018, Santiago de Compostela) alberga todas as cinco “subatividades” que, no seu âmbito, se realizaram: uma sessão de cinema, um concerto, uma exposição, uma palestra e uma “arruada”/flash mob. Já a atividade “Ceia portuguesa festejando o 25 de abril” (2010–2017, Ferrol) multiplicou-se em oito edições anuais (todas elas no mesmo local e organizadas pela mesma entidade – a Fundação Artábria).

9 Segundo os dados que recolhemos na página da Associação José Afonso, José Manuel Cerqueira Afonso dos Santos, também conhecido por Zeca Afonso, nasceu em Aveiro a 2 de agosto de 1929 e morreu em Setúbal a 23 de fevereiro de 1987. O Fado de Coimbra, a recuperação de temas populares e originais, constam da vasta obra discográfica de Zeca Afonso. Ele é o autor da canção-motor da Revolução, consequência de nos finais da década de 1960 e inícios de 1970 se ter tornado um símbolo da resistência democrática em Portugal. Zeca Afonso tornou-se também um fator de interesse para a Galiza que viu no seu perfil uma oportunidade de estabelecer afinidades e pontes para a militância contra a ditadura e que, através da ini-

no leque de iniciativas que celebram o 25 de Abril na Galiza. Analisaremos, por fim, como se constrói a efeméride do 25 de abril de 1974 na Galiza do século XXI.

1. O relacionamento da Galiza com Portugal

As relações literárias, linguísticas, culturais, académicas, económicas, sociais e políticas entre a Galiza e Portugal têm sido amplamente estudadas e constituído objeto de análise ao longo dos séculos,¹⁰ interesse facilmente justificado tanto pela história, como pela língua e a geografia comuns. Na bibliografia é unânime uma ideia: ao longo do tempo a língua e as culturas de língua portuguesa foram adquirindo uma especial importância para a afirmação da própria língua e cultura galegas.

Servem-se disso tanto os movimentos galeguistas como os considerados reintegracionistas, ainda que com diferentes tónicas. O galeguismo histórico inspirou-se desde os seus primórdios (séc. XIX) nos conteúdos ideológicos do centro-esquerda e da esquerda portuguesa (Torres Feijó 2018, 1–9). Para além disso, a própria intelectualidade portuguesa terá desempenhado um papel importante na programação “galeguista” (Torres Feijó 2009, 399).

No âmbito linguístico, o galeguismo refere-se à ação normativa da língua galega, às normas ortográficas e morfológicas do idioma galego e do trabalho das entidades que as desenvolveram e defendem: Real Academia Galega e o Instituto da Língua Galega. Já o reintegracionismo, que surge pelos anos 80 do séc. XX, baseia-se sobretudo na aproximação ortográfica e morfológica do galego ao português (Fernández Carballido 2019, 81–82). É neste contexto que tem origem parte do interesse em manter Portugal próximo e em alimentar a cena cultural galega dos seus símbolos. Como perceberemos, as associações de índole reintegracionista estão muito envolvidas nestes processos, sobretudo quando se trata de uma temática tão facilmente associável ao seu discurso como o é a Revolução dos Cravos (o seu enfoque na revolta e na iniciativa popular).

Neste capítulo, para além de enquadrarmos brevemente a cronologia do relacionamento da Galiza com Portugal desde os anos 70 do século passado, descreveremos também alguns elementos principais da presença de Portugal na cena cultural galega.

1.1 Breve aproximação

É precisamente no período imediatamente anterior a 1974 que “são construídas as lógicas de relacionamento e as alianças galego-portuguesas ainda hoje vigorantes, nomeadamente no campo da esquerda política” (Samartim 2014, 23), mas também nos diferentes campos culturais (Samartim 2014, 29). Na Galiza, na altura do tardofranquismo (1969–1975) e dos primeiros anos da chamada Transição Democrática (até finais da década de 70) foram-se desenvolvendo movimentos sociais de contestação com revol-

ciativa das gerações ativas no campo musical galego, acabou por na década de 70 influenciar a chamada Nova Canção Galega – elemento popular de reivindicação e crítica (Rodríguez Prado 2004, 12–13).

¹⁰ Sobre o lado galego. Tanto culturalmente como literariamente, pode dizer-se que existe alguma assimetria entre a forma mais periférica como Portugal considera quer a Galiza, quer a cultura galega, em oposição com a centralidade que a cultura portuguesa ocupa para a Galiza e os próprios “galeguismo” e “reintegracionismo” (Torres Feijó 2002, 5).

tas de operários contra a ditadura franquista e a intensificação da luta pela liberdade social e nacional. Já em março de 1968 (ainda antes do maio de 1968 em Paris) se deram mobilizações estudantis em Santiago de Compostela. Já desde finais de 1967, aquando das eleições estudantis e da vitória do Sindicato Democrático Libre, os estudantes levaram a cabo diferentes ações como a queima de jornais (edições do *El Correo Gallego*), greves e manifestações; a 9 de março de 1968 fecharam a reitoria da Universidade contra a repressão e a 26 de abril o grupo musical Voces Ceibes¹¹ deu na Faculdade de Medicina o seu primeiro concerto (Pérez Pena 2018).

Mais tarde, em setembro de 1972, deram-se as revoltas mais marcantes contra as condições laborais, em que 25 000 operários da fábrica da Citroën conseguiram paralisar a cidade de Vigo durante duas semanas – ainda que durante todo esse ano tenha havido muitas revoltas do proletariado galego um pouco por toda a Galiza; como no norte, na cidade industrial de Ferrol no mês de março (Pérez 2022). É neste contexto que as relações da Galiza com Portugal se vão então aprofundando ao nível da esquerda comunista galega, nomeadamente a União do Povo Galego (UPG) com o Partido Comunista Português (PCP), servindo-se da literatura e até mesmo da música (Samartim e Cordeiro 2009, 189).

Ao longo dos anos 70 a questão da língua no protossistema literário galego também confere relevância ao relacionamento da Galiza com Portugal. As dificuldades em estabelecer um consenso sobre que galego escrever, num contexto ainda ditatorial e, por esse motivo, proibitivo das línguas minoritárias em Espanha, levam a que “muitas vozes e olhares se virem para o Sul” com o intuito de “haver um reforço do próprio sistema” e proclamando-se, assim, uma “irmandade ou unidade linguística galego-portuguesa” (Rodríguez Prado 2002, 8–11). Esta unidade acabaria por se intensificar nos anos 80 e integrar o discurso do reintegracionismo.

Chegando a 1974, a Revolução dos Cravos teve na Galiza impactos diferentes. Para uma facção mais resiliente (mais nacionalista/popular e de procedência sobretudo galeguista), ela produziu um estancamento nas relações entre a Galiza e Portugal, enquanto que para os mais resistentes (os dos movimentos sociais e da esquerda política) o 25 de Abril permitiu consolidar a rede de relações tanto no campo político, como no campo cultural, ainda que de forma assimétrica, com mais vantagens para o lado galego do que no sentido inverso (Samartim 2014, 18–25). Carlos Pazos-Justo expressa uma opinião menos dicotómica:

Se durante os longos períodos autoritários ibéricos o relacionamento Galiza-Portugal ficou quase totalmente impedido em várias das suas dimensões, os processos de democratização, a partir de 1974/1975, abriram um novo tempo marcado pelo progressivo alargamento das possibilidades para a relação em foco. [...] um governo autónomo na Galiza a partir de 1981, Xunta de Galicia, com amplas competências em matéria cultural e outras; o qual implicou que, por primeira vez na época contemporânea, a Galiza iria contar com capacidade política e institucional real para incidir decisivamente na sua própria planificação cultural (ou linguística, etc.) (Pazos-Justo 2019, 192–193).

11 Voces Ceibes foi um grupo musical composto por jovens da Universidade de Santiago de Compostela, de entre os quais destacava a liderança de Benedito García Vilar, que desenvolveram a sua atividade dedicada à canção social e de protesto em língua galega entre 1968 e 1974. Viriam a ser grandes impulsores de Zeca Afonso na Galiza (Fernández Conde 2018, 5).

O relacionamento em termos de planificação cultural cingia-se naquele tempo a

campos como o dramático, com a imitação de repertórios lusos [...]; o campo cinematográfico, com a divulgação [...] do Cinema Novo de Portugal e do Brasil; ou o campo musical, com reapropriação do folclore e [...] a imitação do que estavam a fazer na altura os cantores lusos como José Afonso, Cília ou Vitorino (Samartim 2014, 25).

Os grupos da esquerda galega serviram-se sempre da literatura portuguesa, nomeadamente da chamada poesia social e de resistência (Samartim 2014, 30), fazendo uso desses referentes para estabelecer analogias e assim suportar o seu discurso programático. Viale Moutinho e Óscar Lopes foram dois referentes importantes (Samartim e Cordeiro 2009, 189). No entanto, a cena cultural naquela altura era pouco dinâmica no campo literário. Ao contrário do dinamismo que apresentavam os campos teatral, cinematográfico e musical.

De facto, na fase antes da Revolução foi a música de resistência que muito contribuiu para ultrapassar o desconhecimento dos galegos em relação a Portugal,¹² sendo de destacar “o papel das associações culturais como divulgadoras destes produtos e organizadoras – junto com as comissões universitárias – de concertos” (Rodríguez Prado 2004, 13). José Afonso, Vitorino ou Luís Cília,

nom só funcionam como modelos dos jovens músicos galegos em virtude de actualizarem repertórios comuns galego-portugueses, mas fundamentalmente por compartilharem o desejo de renovação dos repertórios musicais com base na tradição popular (izada) e o compromisso político dos seus parceiros da Galiza (Samartim 2010, 380–381).¹³

José Afonso era nessa altura ainda algo desconhecido na Galiza, mas já lhe era reconhecida a fama de lutador pelas reivindicações sociais, políticas e humanas (Rodríguez Prado 2004, 14), desenvolvendo-se a partir daí o interesse pela sua música e valores que representava. Desde amizades com colegas artistas galegos, como o grupo Voces Ceibes, na pessoa de Benedito Garcia Vilar, a concertos emblemáticos que marcaram a sua carreira e a músicas suas que tiveram como fonte de inspiração a Galiza, José Afonso viveu “um triângulo mágico [...] que, talvez de forma não muito perceptível, influenciou inequivocamente a sua vida, obra, criação artística e a sua abertura para a compreensão do mundo que o rodeava. África, Portugal, Galiza são os vértices!” (Esperança 2022).

12 Rodríguez Prado (2004) cita a este respeito Araguas que, como relato da sua viagem a Portugal no final dos anos 60, dizia: “Pouco ou nada sabíamos de Portugal [...] Moi pouco dos seus costumes, do seu idioma, casa nada da sua música, literatura ou arte” e Benedito: “Sería nos primeiros anos setenta cando o azar e a curiosidade dalguñs permitiunos empezar a tirar polo fío do coñecemento de tan inmenso país, de tan fraterno irmán” (Rodríguez Prado 2004, 13).

13 Até aos dias de hoje, Zeca Afonso marcou a obra de colegas artistas galegos, como se denota nas músicas de Benedito Garcia Villar, Bibiano Mor, Xico de Carinho, Uxía Senlle, Luar na Lubre, Faltriqueira, Candieira e Nao (Rodríguez Prado 2004, 19).

Terá sido na Galiza que Zeca Afonso cantou pela primeira vez ao vivo o ‘hino’ da Revolução, a canção “Grândola, vila morena”,¹⁴ no concerto que deu em Santiago de Compostela a 10 de maio de 1972 (Rodríguez Prado 2004, 14). Na entrada do Auditório da Galiza existe até hoje uma placa ali colocada em 1997 que recorda de forma simbólica esse concerto:

Santiago a José Afonso

O día 10 de maio de 1972 no Burgo das Nacións, que ocupaba estes terreos, cantouse por vez primeira o “Grândola, Vila Morena”, himno da liberdade, a fraternidade e a igualdade

10 de maio de 1997

Ao longo da década seguinte, foram várias as vezes que José Afonso voltou à Galiza. Em 1985, organizou-se-lhe uma homenagem à qual assistiram quase vinte mil pessoas (AJA-Galiza 2022b). Tratou-se de um “espetáculo – de mais de 12 horas de duração, publicado sob o título de Galiza a José Afonso (2000) – que reuniu poetas, músicos e escritores [...] com o objetivo de contribuir economicamente para ajudá-lo na sua doença” (Rodríguez Prado 2004, 19); em 1987, três meses depois do seu falecimento, houve em várias cidades galegas uma série de conferências a ele dedicadas.

A partir da década de 80 são vários os autores que fazem fluir o interesse evidente em escrever sobre aspetos vinculados à língua, à cultura e à história que unem a Galiza e Portugal.¹⁵ É nesta fase que se reforça o discurso reintegracionista, atribuindo a Portugal o valor de referente de reintegração, “um agregado dos sistemas que se reconhecem utentes dumha mesma norma sistémica, [no caso galego] a língua portuguesa, que, na actualidade, constituem um intersistema cultural” (Torres Feijó 2004, 442 *apud* Samartim e Cordeiro 2009, 172).

É o historiador galego Ramón Villares quem analisa ainda nos anos 80 sistematicamente os dois aspetos inerentes às relações da Galiza com Portugal: (i) relações históricas (a que chama de “histórico-concretas” e nas quais engloba as trocas económicas e comerciais, bem como os movimentos migratórios fronteiriços); (ii) relações políticas e culturais, referindo-se logo desde este momento ao “intenso trato con Portugal, na procura de configurar ao viciño país como un “mito fundador”, un factor definidor e caracterizador da identidade galega” (Villares 1983, 301).

Aquando da viragem para o novo milénio dá-se lugar a uma linha de relacionamento mais moderna; sobretudo a partir de 2008, com a criação formal da Euroregião Galiza-Norte de Portugal e todo o enquadramento europeu. Por um lado, existem ain-

14 Canção da autoria de Zeca Afonso, gravada em 1971 e que o Movimento das Forças Armadas escolheu em 1974 para ser o segundo sinal na rádio para que os militares se colocassem em marcha na noite da Revolução dos Cravos.

15 São várias as publicações – Villares (1983; 2002); Quiroga (2006 e 2016); Pazos-Justo (2016 e 2019); Torres Feijó e Samartim (2018) – que recuperam quer a referência histórica de personalidades literárias, políticas e intelectuais portuguesas, como Alfredo Pedro Guisado, Jacinto de Prado Coelho, Leonardo Coimbra, Manuel Rodrigues Lapa, Miguel Torga, Teixeira de Pascoaes e Teófilo Braga na cultura galega e na sua aproximação à portuguesa, quer as ações de caráter linguístico, literário e sociocultural que, já em inícios do século XX, se organizaram para promover Portugal na Galiza: viagens de tunas académicas; os Congressos Galaico-Portugueses de Tui (1901), Viana do Castelo (1902) e Braga (1903); as excursões a Vigo em 1904; a Semana Portuguesa em Vigo (1933) e a Semana Cultural Galega no Porto (1935).

da autores muito focados na questão da língua, nalguns casos intimamente ligada a análises de âmbito literário e cultural. Por outro, ampliou-se o foco e tem-se publicado, na sequência de projetos europeus, sobre os temas históricos que unem a Galiza a Portugal, da arqueologia ao património cultural/imaterial, da geopolítica às questões de fronteira, do turismo e da paisagem, assim como de reflexões em torno da imagologia recíproca.¹⁶

1.2 Portugal na cena cultural galega atual

O documento *Diagnose da cultura galega. Datos para unha estratexia cultural no século XXI* (2018), no qual o Consello da Cultura Galega (CCG), através do seu Observatório da Cultura Galega, compila e analisa os hábitos culturais das galegas e dos galegos, ajuda-nos a perceber como a internacionalização e a ação exterior da cultura galega estão na atualidade intimamente ligadas às culturas portuguesa e lusófonas:

Os territorios de fala portuguesa son potenciais axentes de programas de cooperación e relacións comerciais pola proximidade lingüística, que abren un abano de posibilidades de internacionalización do conxunto da economía, cultura e sociedade galegas (Consello da Cultura Galega 2018, 350).

Para tal contribuiu a Lei 1/2014, de 24 de março, conhecida como Lei Valentín Paz-Andrade. Esta lei resultou de uma iniciativa popular e foi aprovada por unanimidade no Parlamento da Galiza com vista a um maior aproveitamento pela Autonomia Galega da língua portuguesa e dos vínculos com a lusofonia. Ao abrigo dessa lei têm-se desenvolvido várias iniciativas entre instituições portuguesas e galegas.¹⁷ Também se sublinha no referido documento que a admissão do CCG em novembro de 2016 como membro observador consultivo na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) “constitue um feito simbólico de grande importância, o que deve servir para fortalecer a condição de Galicia como ponte e chave cos países de lingua portuguesa” (2018, 352).

Quanto à geografia da vida cultural galega atual, ainda que a dispersão seja bastante repartida pelas sete principais cidades galegas, Santiago de Compostela é, seguramente também devido ao facto de ser a capital da Galiza, ao Caminho de Santiago e à afluência de peregrinos, palco dum maior número de iniciativas culturais na Galiza.¹⁸ Em 2017, Santiago de Compostela foi admitida como membro observador da

16 São exemplo disso os textos de Cancela-Outeda (2007), de Valerià Paül e Trillo Santamaría (2014), de López García, Gago e Toural (2017) e de Sousa (2004). Pazos-Justo (2016) e Quiroga (2016) para as imagens recíprocas entre a Galiza e Portugal.

17 A título de exemplo: o intercâmbio cénico entre o Centro Dramático Galego e o Teatro Nacional D. Maria II (Lisboa), o Projeto Nós Território Es(cénico) Portugal-Galiza; os Encontros de Coprodução Audiovisual Portugal-Galiza; o intercâmbio musical entre a Rede Galega de Música ao Vivo e o circuito português Outonalidades ou o programa Nortear de literatura (2018, 351). Relativamente aos últimos anos, haveria que adicionar o ciclo de teatro Quintas do Camões, programa criado em 2021 pelo Camões, Centro Cultura Português em Vigo do Camões, I.P. e o Centro Dramático Galego da Xunta da Galiza. Fora do âmbito da referida lei, fala-se também de ações no âmbito das artes visuais desenvolvidas com Portugal, por exemplo no Fórum Atlântico de Arte Contemporânea (388).

18 De acordo com o referido relatório do CCG, a cidade de Santiago de Compostela é a segunda cidade galega a receber mais visitantes de museus e exposições, a que recebe os maiores festivais e encon-

União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA), facto que muito contribui também para a visibilidade no mundo lusófono das ações desenvolvidas na capital galega, que conta com uma autêntica “rota portuguesa” (Pires 2018) que perpassa tanto por elementos arquitetónicos da cidade,¹⁹ como por elementos gastronómicos, da vida cultural e do lazer.²⁰

Em apresentação que pretendemos sumária, cabe agora dar destaque a alguns aspetos que, nos campos literário, musical, teatral e cinematográfico, marcam a paisagem cultural atual da Galiza, no que à cultura portuguesa respeita. Quanto à literatura, são inúmeras as iniciativas entre a Galiza-Portugal, desde prémios, a intercâmbios e residências, a revistas literárias, encontros de escritores e outras iniciativas comuns, que marcam o panorama cultural galego.²¹ Como amostra, todos os anos se realizam as chamadas *Conversas Nortear* que, de um lado e de outro da fronteira, promovem o diálogo entre escritores galegos e portugueses.

No setor da música, o trabalho atual de alguns profissionais está intimamente ligado a Portugal e ao mundo de língua portuguesa. Há a destacar Uxía Senlle, a cantora galega que começou a levar fadistas à Galiza, que fez o “âmbito musical ganhar nova velocidade” (Quiroga 2022). É ela quem organiza, desde 2003, o festival lusófono *Cantos na Maré*²² e participa regularmente, na coorganização, das semanas culturais *Convergências Portugal-Galiza*, que tanto têm lugar em Portugal como na Galiza. Outro exemplo é o *Certame aRi[t]mar* todos os anos premeia a música e a poesia portuguesas e galegas, através de um sistema de votações que tem lugar nas Escolas Oficiais de Idiomas da Galiza.

No espaço dramático galego “a referencialidade lusa activa-se [...] com a (limitada) presença de companhias e, em maior medida, de críticos teatrais do país vizinho nos festivais da Galiza, onde som encenadas também algumas obras portuguesas e brasileiras” (Samartim 2010, 373-374). O sistema teatral português serve também de exemplo para o galego. Organizam-se anualmente vários encontros de teatro um pouco por toda a Galiza sendo quase omnipresente a vinda de grupos de Portugal. A título de exemplo, para além do já referido Projeto Nós Território Es(cénico) Portugal-Gali-

tros artísticos; é sede de duas das mais importantes instituições das artes visuais na Galiza e de uma das duas galerias de arte profissionais (2018, 194, 344, 389, 391).

- 19 São da autoria de Siza Vieira dois dos seus emblemáticos edifícios: o Centro Galego de Arte Contemporânea e a Faculdade de Ciências da Comunicação.
- 20 A música que passa nos bares da zona histórica é, de modo habitual, de origem portuguesa, bebe-se cerveja portuguesa e vinho do Porto; há restaurantes portugueses e outros a servir iguarias lusas; e, por exemplo, a programação cultural da cidade conta quase sempre com artistas de Portugal (Pires 2018). “[...] o bar Tarasca, gerido por Carlos Morais, encerra, todas as madrugadas, com a mesma música. ‘Desde 1994 que fechamos com a “Grândola, vila morena”. Encerramos às 04h30 e aí pelas 04h27 começa a tocar’, conta Carlos” (Pires 2018, para. 13).
- 21 Foge do nosso âmbito proceder aqui a um levantamento exaustivo das mesmas, mas gostaríamos de exemplificar quantitativamente que, ao nível de prémios literários galegos que aceitam a concurso obras em língua portuguesa (e, nalguns casos, outras mais), existe um total de 12 Prémios e concursos literários anuais, de acordo com os já referidos relatórios da Literatura do Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades.
- 22 O *Cantos na Maré* (CNM) é um Festival Internacional Lusófono organizado por Uxía Senlle e Paulo Borges que dura até aos dias de hoje e que sempre teve lugar na cidade galega de Pontevedra, mas há dois anos foi transferido para Santiago de Compostela.

za, mencionamos o Encontro Anual da Plataforma Transfronteiriça de Teatro Amador (PLATTA) que todos os anos traz à Galiza grupos da zona do Minho. De destacar também as visitas de atores, dramaturgos e profissionais da encenação nos programas dos Encontros de Teatro na Corunha e Jornadas de Literatura Dramática organizados pela Associação de Escritores de Língua Portuguesa.

Quanto ao cinema, nas associações culturais galegas proliferam os ciclos de cinema e na base da criação de festivais de cinema (como é o caso do de Ourense) estão o intercâmbio com Portugal e também as motivações políticas (Samartim 2010, 375). De facto, e de novo de acordo com Samartim, “o cinema funciona neste espaço associativo como um instrumento de reforço e extensom maciça da identidade social e nacional, de coesom grupal e adoutrinamento dum público que se quer massivo nuns valores políticos identificados como nacional-populares” (Samartim 2010, 378) e fá-lo recorrendo não só ao Cinema Novo brasileiro, como também à cinematografia portuguesa pós-salazarismo. De destacar o Festival Primavera do Cine em Vigo que conta sempre com várias seções lusófonas e leva a concurso produções portuguesas, juntamente com as galegas. Como referido, também entre a Xunta da Galiza (materializado entre a TVG – Televisão da Galiza) e o Estado Português (através da RTP – Rádio Televisão Portuguesa), se organizam encontros e projetos de profissionais de cinema e são feitas coproduções de filmes e séries.

As últimas décadas têm, pois, assistido a uma redefinição das relações culturais e histórico-sociais entre ambos os lados da fronteira, à qual não é alheio este dinamismo ao nível da ação cultural, de que aqui apresentámos apenas uma brevíssima síntese.

2. Ecos do 25 de abril de 1974 na Galiza

Regressando à temática da Revolução dos Cravos que nos ocupa neste artigo, centramo-nos agora nas vozes que, ao longo destes quase 50 anos, foram fazendo eco na Galiza dos acontecimentos do 25 de abril de 1974. São elas a voz da imprensa e a das entidades que rebuscam os símbolos da Revolução, projetando-os nas práticas culturais galegas.

Em primeiro lugar, uma breve incursão pela imprensa espanhola e galega do dia 25 de abril de 1974 (e meses imediatamente seguintes) permitir-nos-á perceber a vivência quer em Espanha, quer na Galiza dos acontecimentos que estavam a ter lugar em Portugal. Nos anos 70 do século passado a grande fasquia dos consumidores de meios de comunicação informava-se através da imprensa diária. Na Galiza, em concreto, a imprensa local e regional tem até à atualidade um papel particular e de relevo, já que 80% dos leitores galegos se informa através de jornais locais e apenas 20% dos nacionais (Vázquez Sola 2006, 187–188).²³

Ao longo do tempo, a efeméride da Revolução dos Cravos veio sendo sempre recordada pelos galegos, como se de um prolongamento da celebração de Portugal até à Galiza se tratasse. Verifica-se isso, por exemplo, nas publicações dos meios de informação galegos aquando dos 40 anos do 25 de abril (2014), que, na segunda parte deste capítulo, consideramos representativas para a nossa análise e que, juntamente com o levantamento que realizámos por atividades culturais dedicadas a esta temática, nos

23 Com base em dados estatísticos de 2005.

permitirão analisar de que modo se constrói a efeméride do 25 de abril no imaginário galego e que é indissociável do nacionalismo/galeguismo e do reintegracionismo.

Analisaremos, pois, as atividades culturais, em grande parte organizadas por associações e entidades culturais e cívicas com alguma índole política. Inerente a isto, importa-nos também analisar a relevância da figura de José Afonso para a celebração da Revolução dos Cravos na Galiza, assim como a sua relação com a cidade de Santiago de Compostela, ponto nevralgico do mapa da presença portuguesa na Galiza. Como referimos, percebemos através da nossa recolha empírica que Zeca Afonso é indissociável da análise da cena cultural galega dedicada ao 25 de abril de 1974, já que uma boa parte das iniciativas inclui sempre a música e a figura do cantor revolucionário.

2.1 O dia 25 de abril de 1974 na imprensa

A imprensa constitui, de facto, um importante meio para verificar a repercussão de um fenómeno na cultura de um povo. Observar a forma como os jornais se dedicaram ao tema da Revolução dos Cravos permitir-nos-á avaliar não só a disponibilidade nacional e local para o assunto, mas também a(s) opinião(ões) veiculada(s), sendo que as razões políticas da época (Espanha viveu entre 1936 e 1975 sob o regime ditatorial de Francisco Franco) não nos permitem concluir que os jornais refletissem a postura de toda a sociedade perante os acontecimentos em Portugal, mas, talvez, mais as do governo.

Aquando do fim da Guerra Civil espanhola (1936–1939), são reunidos esforços no sentido de se eliminar todas as possíveis hipóteses de um regresso da democracia, perigo que se podia correr caso se permitisse a circulação regular de fontes de informação (Miazzo 2021, 55). A 22 de abril de 1938 saiu a Lei da Imprensa que supunha um controlo total dos meios de comunicação. A liberdade de expressão estava restringida, em termos escritos, tanto nos meios de informação como na literatura. Dá-se logo também uma forte repressão sobre a língua galega, assim como aconteceu com as outras línguas minoritárias em Espanha, através da ordem do Ministério da Justiça de 18 de maio de 1938 (Rodríguez da Torre e Bamonde Silva 2016, 12–19) que impedia quaisquer publicações ou trâmites oficiais nessas línguas.

Em 1966 há uma tentativa de começar a suprimir a censura aplicada aos meios escritos, atualizando a Lei da Imprensa que se passou a chamar de Lei de Fraga.²⁴ No entanto, na prática, continuou a existir um controlo prévio que ia contra muitos dos princípios democráticos (Luis 2009, 72). Uma outra forma de censura, portanto. Assim, as publicações subsequentes à Revolução dos Cravos nos meios de comunicação social espanhóis em 1974, apesar de já menos censuradas, ainda foram fortemente controladas. No entanto, a opinião pública espanhola viveu com emoção o que estava a acontecer em Portugal; provam-no a atenção dispensada ao assunto – sobretudo porque não era tão linear o interesse pelos temas portugueses naquela altura (Cordero 2010, 36). Teresa Pinheiro analisou esse eco na imprensa espanhola do fim da ditadura em Portugal e explica:

24 Manuel Fraga Iribarne, galego, foi ministro da Informação e Turismo durante 1962-1966, vigorando ainda a ditadura de Franco. Foi mais tarde importante na transição para a democracia e viria a ser Presidente da Galiza entre 1990 e 2005.

Wir wissen heute, dass die Nelkenrevolution nicht nach Spanien hinüberschwappte, zu unterschiedlich war die politische Lage dort. Jedoch wurden die Ereignisse in Portugal im Nachbarland mit größter Aufmerksamkeit verfolgt und aus unterschiedlichen Blickwinkeln kommentiert (Pinheiro 2012, 325–326).²⁵

Jornais como o ABC publicavam avidamente por aqueles dias, assumindo posicionamentos que eram já uma forma de fazer política interna: “Durante tres años clave, Portugal sirvió de tubo de ensayo [...], de lugar donde se critican los propios errores, de pretexto para lanzar un aviso a la izquierda y movilizar a la derecha aperturista [...]” (Cordero 2010, 36–37). Houve um interesse por Portugal nunca antes visto.

Os vários meios de comunicação espanhóis concordavam na percepção de que os casos espanhol e português não eram comparáveis, argumentando que Espanha estaria melhor preparada para a modernização política, já que económica e socialmente tinha tido êxito. “Portugal fue un ejemplo en sentido negativo, fue lo que España no debía ser. Desde esa posición, la experiencia portuguesa iba a constituirse en una de las claves de la transición española” (Cordero 2010, 39–40). Contudo, como já nos dizia Pinheiro (2012), apesar de haver diferenças entre a situação política portuguesa e a espanhola, “[j]edoch hat die portugiesische Revolution diese Debatte in Spanien verschärft und den politischen Lagern noch deutlichere Konturen verliehen” (2012, 346).²⁶ Esse debate teve naturalmente várias fases, umas mais esperançosas, outras menos (aquando, por exemplo, do golpe falhado de setembro de 1975), mas o que é inegável é que os acontecimentos em Portugal contribuíram, sim, para motivar Espanha, que percebeu que “mantener el inmovilismo a ultranza era una política suicida. Esa era una de las lecciones del proceso portugués que la prensa española mejor asimiló” (Cordero 2010, 40).

Para além da imprensa escrita, a Televisión Española (TVE) também foi exemplo da apenas teórica liberdade de expressão nos meios de comunicação tão ansiada depois da já referida “Lei de Fraga”; ela funcionava em 1974 ainda como um meio da propaga da franquista e, por este motivo, a cobertura dada à Revolução dos Cravos na TVE (à parte certamente de alguma referência nos noticiários generalistas), cingiu-se, entre 25 de abril de 1974 e fins de janeiro de 1975, a uma única reportagem emitida a 27 de abril de 1974 no programa informativo Informe Semanal sobre o golpe armado e as suas consequências, intitulada “Portugal en su encrucijada política” (Philippe 2017, 405).

Já na Galiza, é inegável a importância que o acompanhamento do processo revolucionário português teve desde logo. Na sua edição de 26 de abril de 1974, o ainda hoje principal jornal galego,²⁷ *La Voz de Galicia*, dedicou a primeira página aos acontecimentos do dia anterior no outro lado da fronteira. A manchete desse dia – “Triunfa el mo-

25 “Sabemos hoje que a Revolução dos Cravos não extravasou para Espanha, dado o contexto político tão diverso que ali se vivia. No entanto, os acontecimentos em Portugal foram seguidos com a maior atenção no país vizinho e comentados de diferentes perspetivas” (tradução C.S.A.).

26 “Contudo, a revolução portuguesa agravou este debate em Espanha e conferiu contornos mais claros à situação política” (tradução C.S.A.).

27 *La Voz de Galicia* é, de acordo com os dados do Estudo General de Medios, compilados e analisados no Relatório da Avante Evolumedia – Informe de EGM – 3º Ola en Galicia (2022), o jornal mais lido da Galiza, com 341 000 leitores e, de acordo com Vázquez Sola (2006), detendo 60% do mercado galego. Tem sede na Corunha e edições próprias em todas as províncias e nas principais cidades galegas. A nível

vimiento militar en Portugal” – anunciava o êxito da Revolução em Portugal. A seção internacional do jornal dedicou-lhe vários artigos, também sobre as reações diretas no mercado bolsista espanhol: “Las noticias de Portugal influyeron negativamente” (Balado 2017) e salientando que, da parte do governo espanhol, nenhuma reação tinha tido lugar: “No hubo reacción oficial en el Ministerio de Asuntos Exteriores” (Balado 2017). A atualidade em Portugal ainda voltou a abrir o jornal no dia depois com a agenda programática política para os meses seguintes.



Fig. 1: Primeira página e páginas interiores do jornal *La Voz de Galicia* a 26 de abril de 1974. © *La Voz de Galicia*.

Como nos indica um estudo de Samartim acerca das referências a Portugal na imprensa local, também o jornal galego *Faro de Vigo*²⁸ foi, nos três meses seguintes à Revolução dos Cravos, espelho do dinamismo do público galego quanto à causa revolucionária portuguesa, tendo-se registado um aumento extraordinário: “a presença portuguesa nas primeiras do *Faro de Vigo* atinge 70%” (Samartim 2014, 26). A informação sobre Portugal publicada por este meio de comunicação passou de 5% em inícios de abril de 1974 para 96% em maio e mantendo-se elevada (com 54%) ainda no mês de julho do mesmo ano; “informação referente unicamente ao processo revolucionário e à si-

nacional, *La Voz de Galicia* é o sétimo mais lido em toda a Espanha, de acordo com o ranking de dados da Audiencia General de Medios (Asociación para la Investigación de Medios de Comunicación 2023).

28 O jornal *Faro de Vigo* tem sede no sul da Galiza, mais propriamente na cidade de Vigo e é o segundo jornal mais lido da Galiza, com 139 000 leitores (segundo os dados do Estudo General de Medios, compilados e analisados no Relatório da Avante Evolumedia - Informe de EGM - 3º Ola en Galicia (2022).

tuação política portuguesa dele derivada” (Samartim 2014, 26–27). A atenção ao longo dos meses pós-Revolução recaiu sobretudo sobre a formação do Governo português e a descolonização, destacando-se “a centralidade atribuída nos títulos das notícias à figura de Spínola” (Samartim 2014, 28–29). Este interesse em ir acompanhando o novo governo pós-ditadura assume relevância se pensarmos que Espanha era ainda governada por Franco. E, de todos modos, a chamada Transição Democrática só aconteceria de forma faseada após um algo longo processo de reforma. Já em Portugal tudo se sucedeu de forma mais rápida através de uma rutura com o sistema que teve origem numa mobilização popular.

2.2 Construção da efeméride do 25 de abril de 1974 na Galiza do século XXI

O 25 de abril de 1974 recorda-se todos os anos em território galego aquando da sua efeméride. Tal como acontece em Portugal e como nos diz Pinheiro a respeito do aniversário dos 40 anos da Revolução dos Cravos: “Viele der organisierten Jubiläumsveranstaltungen lassen sogar eine eindeutige Rückbesinnung auf die Symbole und die Inhalte der Nelkenrevolution erkennen” (2015, 25).²⁹ É o caso de José Afonso e da sua “Grândola, vila morena”, dos próprios cravos vermelhos e das imagens visuais associadas aos militares que, também nas iniciativas organizadas na Galiza, se repetem e multiplicam ano após ano em cada comemoração e homenagem.

A título de exemplo, analisamos em seguida o ano de 2014, quando se completaram os 40 anos do 25 de abril de 1974, e em que foram publicados vários textos e breves notas comemorativas tanto, uma vez mais, na imprensa galega, como também inclusive em páginas online de movimentos de esquerda.³⁰

O jornal *Faro de Vigo* publicava nesse dia 25 de abril de 2014, sob o título “Portugal evoca la Revolución de los Claveles 40 años después” (EFE 2014), uma sinopse de todas as iniciativas que estavam a ter lugar em Portugal há já várias semanas e informava o público galego acerca do grande destaque dado em Portugal à efeméride e da relevância que a mesma assumia. Isto pode ter naturalmente acontecido dada a proximidade geográfica e a alguma facilidade de os galegos se deslocarem a Portugal (pelo menos à região norte), mas, ainda assim, essa divulgação é reveladora do interesse que a publicação reconhece no público galego por manter viva a Revolução.

Já no jornal *La Voz de Galicia*, foram várias as publicações relativas a este tema. Logo uns dias antes, a 20 de abril de 2014, saiu um artigo dedicado a Zeca Afonso, intitulado “José Afonso, la voz que convirtió el Grândola en el himno del pueblo” (Punzón 2014a), em que se entrevista familiares do cantor e mesmo amigos na Galiza. Este artigo é a prova de que, mesmo 40 anos depois, o apreço na Galiza por Zeca Afonso é perpétuo. Também saíram publicações dedicadas a iniciativas comemorativas a ter lugar na Galiza, uma ampla entrevista a Mário Soares (Punzón 2014b) e artigos de opinião, que comparavam a ação política de alguma esquerda galega à luz da Revolução portuguesa,

29 “Muitos eventos organizados pelo jubileu revelam até um claro regresso aos símbolos e conteúdos da Revolução dos Cravos” (tradução C.S.A.).

30 Um exemplo dessas publicações seria a publicação referente aos 40 anos do 25 de abril de 1974 na página do Movimento de Esquerda Fundación Galiza Sempre do Bloco Nacionalista Galego (Galiza Sempre 2014). Também o Portal Galego da Língua, publicava um testemunho da importância da Revolução dos Cravos na Galiza (Portal Galego da Língua 2014).

como é o caso do artigo “Nostalgia de claveles en los sueños rotos de la izquierda” (Sou-to 2014). Esse artigo de opinião pode ter tido como objetivo estimular os movimentos galeguistas e reintegracionistas para uma ação mais afinadamente reivindicativa, recuperando os sonhos e a motivação através da imagem simbólica dos cravos.

A edição do jornal *La Opinión* da Corunha de 25 de abril de 2014 publicou um artigo intitulado: “Otelos Saraiva de Carvalho: Valió la pena la Revolución de los Claveles, fue reconquistar la libertad” (Regueira 2014), em que se faz uma entrevista ao ex-coronel Otelos Saraiva de Carvalho, na qual o estratega do 25 de abril de 1974 sublinha o seu reconhecimento pessoal à Galiza por de forma tão carinhosa ter recebido Zeca Afonso, que, na sua opinião, marca a ligação forte entre a Galiza e Portugal.³¹ Otelos Saraiva de Carvalho recupera aqui a centralidade da figura de Zeca no referente que Portugal constitui para a Galiza, sobretudo no relativo ao tema da Revolução e da esquerda política.

Para além dos destaques regulares que vai recebendo na imprensa galega, há a salientar que as iniciativas culturais na Galiza em torno da Revolução dos Cravos têm uma expressão efetivamente anual, não se limitando aos anos mais ‘redondos’ de comemoração da efeméride. Foi-nos possível recolher atividades para todos os anos entre 2006 e 2022 (sobressaindo com grande expressividade os anos de 2008 e 2012 e, a seguir a esses, todos os anos entre 2018 e 2022 – possivelmente pelo acesso mais facilitado a informação sobre iniciativas mais recentes). Obtivemos um total de 64 atividades.

O tema da Revolução dos Cravos, por si só, não se cinge a um campo cultural e pode, ele mesmo, dar origem a tipos de atividades/edições mais variadas. Por esse motivo, o campo cultural no âmbito do qual se desenvolveu a maioria das ações foi o das interartes (ou seja, tratou-se de iniciativas em que se combinam várias áreas culturais). A área cultural que claramente sai privilegiada na celebração cultural na Galiza do 25 de abril de 1974 é a música – mais de metade das iniciativas (55%) foi-lhe subordinada. Quanto à tipologia, a maioria das edições foi de tipo misto, isto é, uma mesma edição num mesmo dia incluiu um concerto e palestra ou um concerto e jantar cultural ou um concerto e exposição ou ainda uma exibição de filme ou documentário com palestra e/ou jantar cultural, etc.

Como adiantámos, percebemos ainda que uma considerável percentagem dos eventos (43%) que tiveram lugar ao longo dos 16 anos em análise foram organizados por grupos e associações sociais e cívicas politicamente ativos – sobretudo nas causas reintegracionistas.³² Efetivamente, de acordo com Samartim (2010, 371–372), a presença de Portugal na ação da esquerda política galega é mais visível no espaço associativo. Essas associações localizam-se, na sua maioria, nas zonas norte e sudeste da Galiza, sendo que, com base no nosso levantamento, destacamos as seguintes: Agrupación Cultural Lumieira em Carballo; Fundação Artábria em Ferrol; A Gentilha do Pichel e Núcleo da AJA-Galiza, ambas em Santiago de Compostela; Associação Cultural Cultu-

31 Já em 2008 Otelos Saraiva de Carvalho tinha visitado a Galiza aquando das comemorações do 25 de abril e dado duas conferências, uma em Vigo e outra em Santiago de Compostela, sobre “Os logros sociais na Revolución dos Cravos”. Estas conferências foram uma organização da Direção-Geral de Juventude e Solidariedade da Xunta da Galiza.

32 “A revolução portuguesa de 1974 significou nos campos da política e da cultura: (1) Um maior desenvolvimento da ação sócio-cultural apenas dos grupos da esquerda nacionalista [...]” (Samartim 2014, 29).

ra do País e Associação Cultural Alto Minho em Lugo; A Esmorga e o Centro Social A Galleira, ambos em Ourense; Centro Social Aturuxo em Barbanza.

Das iniciativas organizadas por estas associações, exatamente metade foi de algum modo subordinada à temática de Zeca Afonso. De facto, a importância da figura de José Afonso para o relacionamento cultural galego-português estendeu-se de tal forma no tempo que perdurou até à atualidade, materializando-se em projetos, com início ainda anterior ao nosso recorte temporal, como a Associação Ponte... nas Ondas³³ ou o já referido Festival Cantos na Maré, cujo início remonta a 2003 e para o qual o tema 25 de abril é transversal a quase todas as edições do Festival, ainda que não seja tão explicitamente, tendo Zeca sempre de alguma forma presente no seu alinhamento. A modo de exemplo, referimos como em 2007 foi dedicada a Zeca uma gala de homenagem que se reveste de importância por ter constituído a primeira parceria entre a RTP e a TVG. Esta gala, Sempre Abril,³⁴ teve lugar a 13 de abril de 2007 em Pontevedra, no Paço da Cultura e contou com a participação de músicos portugueses e galegos de renome, amigos e simpatizantes de José Afonso, sob a direção artística de Uxía Senlle. A assistência ao concerto foi de aproximadamente 600 pessoas (Malvar Fernández 2007, 269).

Em 2009 criou-se em Santiago de Compostela um parque homenagem a José Afonso.³⁵ Esta iniciativa de um dos fundadores do grupo Voces Ceibes, Benedito Garcia Vilar (Lusa 2009), teve tal dimensão que na sua origem esteve a recolha de mais de 3000 assinaturas de todo o mundo, contou com o apoio do município de Santiago de Compostela e deu destaque a José Afonso no seio da capital galega e da juventude universitária. A inauguração foi a 11 de maio de 2009, emblematicamente próximo da data original do concerto de 10 de maio de 1972, e contou com a presença da viúva de José Afonso, Zélia Afonso (Beceiro 2009).

Quando em maio de 2012 se comemorou o 40º aniversário da canção “Grândola, vila morena”, promoveu-se da mão de músicos, estudantes, escritores, jornalistas e intelectuais galegos, de entre os quais também Uxía, uma ampla homenagem da Galiza a Zeca Afonso, com o festival Terra da Fraternidade (Gallego 2012). Durante uma semana tiveram lugar nas ruas, restaurantes e bares de Santiago de Compostela vários concertos, palestras e exposições que contaram com mais de 30 artistas. Ali foi tam-

33 A Associação Ponte... nas Ondas é uma associação cultural e pedagógica que, desde 1995, realiza atividades educativas e culturais na Galiza e no Norte de Portugal, cujo objetivo é a promoção da identidade comum galego-portuguesa, também numa perspetiva europeia e do mundo lusófono. Em 2002 passaram também a recuperar e difundir o património cultural comum a galegos e portugueses, centrando as suas ações no património imaterial. Esta Associação persegue também o objetivo de ver reconhecido pela UNESCO o património imaterial galego-português. Em dezembro de 2022 o trabalho de divulgação nas escolas do património cultural imaterial do Norte de Portugal e da Galiza foi inscrito no modelo de boas práticas da UNESCO.

34 De acordo com artigo na revista *Agália* desse ano, a iniciativa foi do então diretor da TVG, Suso Iglesias e de Manolo Bello, galego radicado em Portugal e produtor musical (Malvar Fernández 2007, 269).

35 De acordo com a informação que nos foi possível obter junto da página oficial da Associação José Afonso – núcleos de Portugal e da Galiza. O Parque José Afonso fica situado numa lateral do Auditório da Galiza, um espaço com programação regular de concertos de música clássica (e não só), assim como exposições de artes plásticas, que se insere no Parque da Música e fica próximo de Faculdades e da residência da Universidade de Santiago de Compostela, Burgo das Nacións (Associação José Afonso 2022; AJA-Galiza 2022).

bém apresentado o Proxecto Zeca, um pequeno documentário escrito e dirigido por Pablo Portero, realizador galego.

Em 2018 foi criado o núcleo da Galiza da Associação José Afonso (AJA-Galiza). Tratou-se de uma iniciativa de um grupo de ativistas galegos,³⁶ mais de 30 anos depois da criação da Associação José Afonso em Portugal e da própria morte do artista. Várias das iniciativas de anos mais recentes em torno da figura de Zeca Afonso foram organizadas pela AJA-Galiza, iniciativas que nem sempre estão diretamente associadas à Revolução dos Cravos, mas cujo número é muito expressivo: 13 edições em 4 anos (2018–2022).

Das iniciativas mais recentes à data de redação deste artigo, e esta, sim, ligada à Revolução, destaca-se o concerto comemorativo organizado a 24 de abril de 2022 em memória do histórico concerto de 10 de maio de 1972, pelo seu 50º aniversário. O concerto teve lugar exatamente no mesmo local do concerto original: o pátio do Burgo das Nacións (residência da Universidade de Santiago de Compostela). Atuaram Falua (pela Galiza) e Manuel Teixeira (por Portugal) e foi também ainda apresentada uma exposição com curadoria da AJA-Galiza em que se transmitia o vínculo de Zeca Afonso aos valores da Revolução.

Para além desse evento organizado pela AJA-Galiza, no próprio dia 10 de maio de 2022 teve lugar na Faculdade de Filologia da Universidade de Santiago de Compostela um colóquio intitulado Zeca. Maior que o Pensamento, no qual participaram as destacadas figuras académicas e da cultura, o ex-presidente da Xunta da Galiza, Emilio Pérez Touriño e Zélia Afonso – pelo seu papel central na organização do histórico concerto de 1972. Antes do colóquio foi dado um concerto que contou com as atuações de Uxía Senlle e João Afonso – sobrinho de Zeca Afonso, de entre outros amigos músicos de Zeca (AJA-Galiza 2022b).

Todos estes eventos e referências em torno da figura de Zeca são exemplos máximos do esforço muito regular que é feito pelas referidas entidades, algumas institucionais, outras associativas, daquilo que a referida Lei Valentín Paz-Andrade veio tornar norma escrita em 2014 – o aproveitamento da língua portuguesa e dos vínculos com a lusofonia –, mas que já era prática e comportamento intrínseco do povo galego – o interesse pleno por Portugal.

Em termos de dispersão geográfica, as ações culturais organizadas na Galiza sob as temáticas da Revolução dos Cravos tiveram lugar nas cidades de (por ordem do total de edições): Santiago de Compostela, Ferrol, Ourense, Lugo, Carballo, Pontevedra, Barbanza, Moaña e A Guarda.

Assim, Santiago de Compostela é, a par e passo com as cidades de Ferrol e Ourense, das cidades galegas que mais eventos em torno da temática do 25 de abril de 1974 e, particularmente, da figura de Zeca Afonso, albergou ao longo do tempo – mais de 30 %.

36 Segundo informações prestadas pela AJA Galiza: Xulio Vilaverde, Inácio Pavón, Óscar Valadares e Odilo González foram os preconizadores e formaram a primeira direção da associação, tendo já havido no passado interesse por parte da AJA em Portugal em formar um núcleo na Galiza, mas então até 2018 sem êxito. A AJA-Galiza é uma organização registada em Espanha, legal e economicamente independente. Pontualmente vai recebendo apoios por parte de algumas instituições políticas, como a *Deputación* da Corunha ou as Câmaras Municipais de Santiago de Compostela e Rianxo, mas com ligação direta à AJA portuguesa – figura na sua página oficial como um dos seus núcleos, juntamente com os vários de Portugal e o de Bruxelas (AJA-Portugal 2022a).

Arriscamos mesmo a dizer que Santiago de Compostela é também dos municípios galegos que, por sua conta, mais organizam programação cultural com Portugal.³⁷ Das aqui em análise, apenas 2 edições desta temática (relacionadas com escolas e realizadas na vila de A Guarda, na província de Pontevedra) tiveram algum tipo de colaboração com Portugal, isto é, com o Centro Cultural do Camões, Instituto da Cooperação e da Língua I.P. em Vigo (CICL – CCP-Vigo) e da Coordenação de Ensino Português em Madrid (CEPE-Espanha e Andorra),³⁸ mas, sabemos-lo pela nossa investigação, que uma boa fasquia da ação cultural de e sobre Portugal na Galiza passa por colaborações com essas instituições.

Na lista de cidades onde se realizaram as atividades aqui em análise surgem cinco das sete maiores cidades galegas. Ressalta à vista a ausência das cidades de Vigo e da Corunha, as duas maiores cidades; constituindo Vigo a cidade onde existe representação consular portuguesa, onde o Estado Português detém o CICL – CCP-Vigo, para além de que é a cidade com a comunidade portuguesa mais expressiva. Surpreende, assim, que seja precisamente nessa cidade que não se tenham realizado praticamente nenhuma atividades culturais em torno da temática aqui em estudo.

Situadas também no litoral galego e no eixo da costa, com bons acessos e conexão ao nível de infra-estruturas, uma demografia alta, que usufrui da economia costeira e, em parte, da proximidade com Portugal, estão as vilas de Carballo, Pontevedra, Barbanza, Moaña e A Guarda, onde se realizou mais de 30 % das iniciativas.

Talvez ao contrário do que acontece em muitos dos tradicionais países de acolhimento da imigração portuguesa, foram muito poucos os eventos que tiveram como pano de fundo a comunidade migrante de origem portuguesa (apenas cinco edições que aconteceram sob duas atividades na localidade de Moaña). Assim, só 8 % das edições que identificámos esteve ligada à comunidade portuguesa. A comunidade portuguesa na Galiza é mais expressiva no sul da região,³⁹ nomeadamente na cidade de Vigo (1657 portugueses registados no ano de 2021) e na vila de Verín (na fronteira com a cidade portuguesa de Chaves, com 754 nacionais portugueses). Seguem-se a cidade de Ourense (683) e a da Corunha (586).

Conclusões

Se nas últimas décadas do séc. XX a aproximação da Galiza a Portugal se baseou muito nas relações históricas galego-portuguesas (ancoradas na língua e passado comuns, na cultura e geografia próximas), na viragem para o novo milénio e com todas as pos-

37 Através de investimento português, i.e., em que o Estado Português esteja diretamente implicado ou de organização unicamente portuguesa, a maioria das ações culturais tem lugar e é organizada na cidade de Vigo, através do Centro Cultural Português do Camões, I.P. em Vigo (CCP-Vigo).

38 A CEPE-Espanha e Andorra é um departamento pertencente ao CICL, tem sede junto da Embaixada de Portugal em Madrid e coordena o trabalho no ensino da língua portuguesa de todas as escolas, empresas e instituições de ensino superior com protocolos com o CICL. O CCP-Vigo constitui um Centro Cultural estatal de Portugal na Galiza, com sede na cidade de Vigo, coordenado pela Embaixada de Portugal em Madrid e respondendo diretamente à sede do próprio CICL.

39 Em janeiro de 2021 o total da população portuguesa residente na Galiza era de 15 041 cidadãos, de acordo com o Instituto Galego de Estatística.

sibilidades oferecidas pela política europeia de coesão – a partir da cooperação territorial transfronteiriça (2006) e da subsequente formalização da Eurorregião Galiza-Norte de Portugal (2008), o relacionamento passou a sustentar-se numa perspetiva mais moderna aprofundando as questões do património, do turismo, da paisagem, dos recursos, etc., ainda que sem perder nunca de vista a identidade comum. Iniciativas dos campos literário, teatral, cinematográfico e musical, às quais fizemos referência, são até hoje a prova disso mesmo. Inegável será também o facto de que, existindo (i) financiamento europeu, (ii) facilidade em estabelecer pontes com as entidades do outro lado da fronteira, (iii) enquadramentos técnico-jurídicos facilitados, a organização de atividades em torno da cultura portuguesa começou a ser muito facilitada.

Como vimos, há temáticas e elementos de tal modo enraizados culturalmente na Galiza que se tornam centrais, algo que a própria bibliografia comprova. É o caso da Revolução dos Cravos e de Zeca Afonso. Ainda que os efeitos imediatos após o 25 de abril de 1974 tenham sido na Galiza díspares no que à relação com Portugal respeita, foi inegável a importância desse evento histórico na altura, pelo paradoxo e a comparação inevitáveis com a situação que se vivia então em Espanha. As relações podem ter estancado para uns e ganho um novo dinamismo para outros, mas, quer o galeguismo, quer o reintegracionismo continuaram/começaram a refrescar o recurso aos símbolos culturais ligados a Portugal para a sua ação. Os grupos e associações sociais e cívicos politicamente ativos nas causas estiveram ligados à organização de quase parte das iniciativas.

Começando pelos registos escritos na imprensa da Galiza não só naquelas datas posteriores ao abril de 1974, mas também atualmente (recorde-se as publicações aquando da efeméride dos 40 anos do 25 de abril em 2014), verificamos um interesse omnipresente por esta temática da parte da opinião pública galega; interesse esse que se reflete na cena cultural galega.

Santiago de Compostela, capital e um dos maiores palcos da vida cultural galega, é também a cidade, onde a presença portuguesa está mais marcada, onde José Afonso mais foi homenageado, não só através da toponímia da cidade, mas também de iniciativas múltiplas ao longo do tempo, muito motivadas pelo seu histórico concerto de maio de 1972, onde pela primeira vez terá cantado o ‘hino’ da Revolução, “Grândola, vila morena”.

A admiração pelos temas do fim da ditadura portuguesa e de Zeca Afonso está, portanto, na base de muitas iniciativas de âmbito cultural. Entre 2006 e 2022 realizou-se, de acordo com as nossas pesquisas, um total de 64 eventos comemorativos, concomitantemente ou separadamente, do 25 de abril de 1974 e dedicados a homenagear a figura ícone da Revolução dos Cravos: José Afonso. Esses eventos não se cingiram maioritariamente apenas a uma determinada área cultural, mas foram o resultado de um cruzamento de várias áreas, sobretudo entre a música, o cinema, o teatro e as artes visuais. Assim, houve sempre uma mistura de iniciativas desde concertos, à exibição de filmes, a palestras e jantares culturais, até às peças teatrais ou exposições.

A maioria dos eventos aconteceu nas cidades de Santiago de Compostela, Ferrol e Ourense, cidades onde também se situam a grande maioria das associações culturais e os próprios grupos de natureza política. Surpreende a quase ausência de eventos na cidade de Vigo.

A ditadura mais longa da Europa ruiu em abril de 1974. Espanha precisou de mais aproximadamente um ano e meio para começar a trilhar o caminho da democracia.

Não foi nem é, pois, de espantar que a Revolução portuguesa tenha servido de contrabalanço (e esperança) para a Galiza. Uma esperança que se tem materializado ao longo do tempo na forma honrosa como as características basilares da cultura portuguesa são perpetuadas e regularmente agraciadas com homenagens e comemorações um pouco por todo o território galego. Hoje, o 25 de abril de 1974 tem uma presença firme na cena cultural galega.

Referências bibliográficas

- AGAL. Associação Galega da Língua. S. d. “Pam, ‘pam’; noma lusitana, ‘norma lusitana!’” <https://a.gal/pam-pam-norma-lusitana-norma-lusitana>.
- Asociación para la Investigación de Medios de Comunicación. 2023. “*Audiencia General de Medios*”. <https://reporting.aimc.es/index.html#/main/cockpit>.
- Associação José Afonso/AJA-Portugal. S. d. “*Biografia*”. <https://www.aja.pt/biografia>.
- Associação José Afonso/AJA-Galiza. S. d. “O Zeca na Galiza (umha história em reconstrução)”. <http://aja.gal/zeca-na-galiza>.
- Avante Evolumedia. 2022. “Informe de EGM – 3º Ola en Galicia”. <https://ss-usa.s3.amazonaws.com/c/308461792/media/17016388aae7d3dc318125207297261/3er%20EGM%202022-%20GALICIA-%20Avante%20Evolumedia.pdf>.
- Balado, Francisco. 2017. “Así contó La Voz la Revolución de los Claveles”. *La Voz de Galicia*, 25 de abril. <https://www.lavozdeg Galicia.es/noticia/sociedad/2017/04/25/conto-voz-revolucion-claveles/00031493114125500859330.htm>.
- Beceiro, M. 2009. “João reablará con Zeca y Santiago”. *La Voz de Galicia*, 26 de agosto. https://www.lavozdeg Galicia.es/noticia/santiago/2009/08/26/jo-rehablara-zeca-santiago/0003_7929682.htm.
- Cancela-Outeda, Celso. 2007. “La Comunidad de Trabajo Galicia-Norte de Portugal. Elementos para la comparación”. *Working Papers On Line* 16/2007, Institut Universitari d’Estudis Europeus. <https://ddd.uab.cat/record/102234>.
- Centro Ramón Piñeiro. 2002. “Informe da Literatura Galega”. http://www.cirp.gal/rec2/informes/upload/ver/inf2002/Informe_Literatura_2002.pdf.
- Consello da Cultura Galega. 2018. *Diagnose da cultura galega. Datos para unha estratexia cultural no século XXI*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega.
- Cordero Olivero, Inmaculada. 2010. “La Revolución de los Claveles agita la prensa: los andaluces siguieron al detalle lo que ocurría en el país vecino”. *Andalucía en la historia* 27: 36–40.
- Cordeiro Rua, Gonzalo e Felisa Rodríguez Prado. 2002. “Sistema literário galego e mundo lusófono primeira metade de setenta: Portugal para quê?” <https://lusitanistasail.press/index.php/ailpress/catalog/download/25/40/387-1?inline=1&inline=1>.
- EFE. 2014. “Portugal evoca la Revolución de los Claveles 40 años después”. *Faro de Vigo*, 25 de abril. <https://www.farodevigo.es/mundo/2014/04/25/portugal-evoca-revolucion-claveles-40-17225191.html>.
- Esperança, Paulo. S. d. “Zeca Afonso – O Triângulo Mágico na sua Vida e Obra: África, Portugal, Galiza”. <https://leromundoemporugues.pt/zeca-afonso-o-triangulo-magico-na-sua-vida-e-obra-africaportugal-galiza>.

- Eur-Lex. 2006. “Regulamento (CE) n.º 1082/2006 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 5 de Julho de 2006, relativo aos agrupamentos europeus de cooperação territorial (AECT)”. <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/ALL/?uri=CELEX%3A32006R1082>.
- Fernández Carballido, Xurxo. 2019. *O ensino da língua portuguesa na Galiza*. Tese de Doutoramento, Universidade de Santiago de Compostela. <https://minerva.usc.es/xmlui/handle/10347/20053>.
- Fernández Conde, Sheila. 2018. *Agora entramos nós: Voces Ceibes e a canción protesta galega*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- Galiza Sempre. 2014. “40 anos – Viva o 25 de abril”. <http://www.galizasempre.org/novas/page/9>.
- Gallego, Paco. 2012. “Terra da Fraternidade, 40 anos de ‘Grândola’ en Galicia”. *Galicia Confidencial*, 9 de maio. <http://www.galiciainconfidencial.com/imprimir/10425.html>.
- López García, Xosé, Manuel Gago e Carlos Toural. 2017. “La euronregión galicia-norte de portugal como eslabón para la creación de redes culturales transnacionales”. Em *Contributos do congresso internacional “Redes de cooperação cultural transnacionais: Um olhar sobre a realidade lusófona”*, editado por Manuel Gama e Helena Sousa, 68–76. Braga: CECS.
- Lourido Hermida, Isaac. 2012. “A planificación historiográfica em sistemas literários dependentes: consistência e alternativas no sistema literário galego”. *Galicia 21: Journal of Contemporary Galician Studies* D: 57–77.
- Lourido Hermida, Isaac. 2022. “A batalla da cultura”. *Portal Galego da Língua*, 27 de dezembro. <https://pgl.gal/a-batalha-da-cultura>.
- Luis, Rita Ferreira Santos. 2009. *La reacción española ante la revolución portuguesa a través de la prensa. El tratamiento de los principales diarios (1974–1976)*. Tese de Master, Universitat Pompeu Fabra Barcelona. https://repositori.upf.edu/bitstream/handle/10230/5904/Master_Estudis_Avan%C3%A7at_Com_social_Treball_Recerca_Rita_Luis.pdf?sequence=1.
- Lusa. 2009. “José Afonso é nome de Parque em Santiago de Compostela”. *Público*, 30 de abril. <https://www.publico.pt/2009/04/30/culturaipsilon/noticia/jose-afonso-e-nome-de-parque-em-santiago-de-compostela-1377751>.
- Malvar Fernández, Paulo. 2007. “Aproximação à linguística de corpus como metodologia de base empírica. Compilação e anotação do Corpus Paralelo PALOP (português-espanhol) de Narrativa Pós-colonial”. *Agália* 89–90: 9–80.
- Matos, Mário. 2014. “Colóquio comemorativo dos 40 anos do 25 de abril - Perceções e representações transnacionais da revolução dos cravos”. *Diacrítica Filosofia e Cultura – 40 anos de abril* 28, n.º 2: 11–13.
- Miazzo, Luca. 2021. *Literatura e censura nas ditaduras franquista e salazarista*. Tese de Laurea, Università Ca’ Foscari Venezia. <http://dspace.unive.it/handle/10579/19487>.
- Pazos-Justo, Carlos. 2016. *A imagem da Galiza em Portugal*. Santiago de Compostela: Através.
- Pazos-Justo, Carlos. 2019. “Confluências e ruídos. Contributos para o entendimento das relações culturais galego-portuguesas na atualidade”. Em *Portugal e(m) nós. Contributos para a compreensão do relacionamento cultural galego-português*, editado por Roberto Samartim e Pazos-Justo, 189–207. Braga: CEHUM/GET.

- Pérez, Uxía. 2022. “Los 15 días de 1972 en los que el proletariado gallego hizo frente al franquismo”. *Público*, 9 de julho. <https://www.publico.es/politica/15-dias-1972-proletariado-gallego-hizo-frente-franquismo.html>.
- Pérez Pena, Marcos. 2018. “50 anos do ‘maio do 68’ de Compostela, que se adiantou dous meses ao de París”. *Praza*, 16 de março. <https://praza.gal/movimentos-sociais/50-anos-do-maio-do-68-de-compostela-que-se-adiantou-dous-meses-ao-de-paris>.
- Philippe, Virginie. 2017. “La Revolución de los Claveles vista a través de Televisión Española (Abril de 1974–abril de 1976)”. Em *Procesos de nacionalización e identidades en la península ibérica*, editado por César Rina Simón, 403–426. Badajoz: Universidad de Extremadura.
- Pinheiro, Teresa. 2012. “Die Rezeption der Nelkenrevolution in der spanischen Presse”. Em *Lusophone Konfigurationen: Festschrift für Helmut Siepmann*, editado por Christoph Müller e Helmut Siepmann, 325–349. Frankfurt a. M.: TFM.
- Pinheiro, Teresa. 2015. “Die Nelkenrevolution im 21. Jahrhundert: Wandel einer erinnerungspolitischen Praxis”. Em *Die Nelkenrevolution und ihre Folgen: Der portugiesische 25. April in Literatur und Medien*, editado por Janett Reinstädler e Henry Thorau, 17–32. Berlin: Tranvia.
- Pires, Catarina. 2018. “Portugal está no coração de Santiago de Compostela”. *Notícias Magazine*, 3 de abril. <https://www.noticiasmagazine.pt/2018/portugal-santiago-de-compostela/historias/222557>.
- Portal Galego da Língua. 2014. “Lembrar a Revolução dos Cravos do 25 de Abril com o filme ‘Capitães de Abril’”. <https://pgl.gal/lembrar-a-revolucao-dos-cravos-do-25-de-abril-com-o-filme-capitães-de-abril>.
- Punzón, Carlos. 2014a. “José Afonso, la voz que convirtió el Grândola en el himno del pueblo”. *La Voz de Galicia*, 20 de abril. https://www.lavozdeg Galicia.es/noticia/internacional/2014/04/20/jose-afonso-voz-convirtio-grndola-himno-pueblo/0003_201404SX20P6998.htm.
- Punzón, Carlos. 2014b. “Mário Soares: ‘Fraga me aseguró que Franco, como gallego, no atacaría a Portugal’”. *La Voz de Galicia*, 20 de abril. https://www.lavozdeg Galicia.es/noticia/internacional/2014/04/20/mario-soares-fraga-me-aseguro-franco-galle-go-atacaria-portugal/0003_201404SX20P29911.htm.
- Quiroga, Carlos. 2006. “Torga na Galiza”. *REEL. Revista Eletrónica de Estudos Literários* 2 n.º 2: s. p. <https://periodicos.ufes.br/reel/issue/view/273>.
- Quiroga, Carlos. 2016. *A imagem de Portugal na Galiza*. Santiago de Compostela: Através.
- Quiroga, Carlos. 2022. *Portugal segundo a Galiza*. Lisboa: Theya.
- Regueira, Susana. 2014. “Otelos Saraiva de Carvalho: ‘Valió la pena la Revolución de los Claveles, fue conquistar la libertad’”. *La Opinión*, 26 de abril. <https://www.laopinioncoruna.es/galicia/2014/04/26/otelo-saraiva-carvalho-valio-pena-24767914.html>.
- Rodríguez Prado, María Felisa. 2004. “Inovações repertoriais no campo cultural galeguista na década de 70 e as transferências do mundo luso-afro-brasileiro”. https://www.researchgate.net/publication/282077067_Inovacons_repertoriais_no_campo_cultural_galeguista_na_decada_de_70_e_as_transferencias_do_mundo_luso-afro-brasileiro.
- Rodríguez da Torre, Matías e Xosé Manuel Baamonde Silva. 2016. “A repressão franquista na língua galega. A desfeita de uma realidade linguística, cultural e nacional”. *Caracól* 11: 10–37. <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5601466.pdf>.

- Samartim, Roberto. 2010. *O Processo de Construção do Sistema Literário Galego entre o Franquismo e a Transição (1974–1978): Margens, relações, estrutura e estratégias de planificação cultural*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- Samartim, Roberto. 2014. “O 25 de abril na Galiza dos anos setenta”. *Diacrítica Filosofía e Cultura – 40 anos de abril* 28, n.º 2: 15–32.
- Samartim, Roberto e Gonçalo Cordeiro Rua. 2009. “O pensamento cultural galego em referência a Portugal: posição e função de ideias e grupos no tardofranquismo e na transição”. Em *Actas do I Congresso Internacional: O pensamento luso-galaico-brasileiro (1850–2000)*, vol. 3., 71–196. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa/Instituto Nacional-Casa da Moeda.
- Sousa, Jorge Pedro. 2004. “Imagens da Galiza na imprensa portuguesa”. *Cadernos de estudos mediáticos* 3: 177–308.
- Souto, Enrique G. 2014. “Nostalgia de claveles en los sueños rotos de la izquierda”. *La Voz de Galicia*, 27 de abril. https://www.lavozdeg Galicia.es/noticia/cdlugo/2014/04/27/nostalgia-claveles-suenos-rotos-izquierda/0003_201404L27C8993.htm.
- Torres Feijó, Elías José. 2002. “Sistemas emergentes, intersistemas culturais: o estudo do mundo lusófono no sistema literário galego”. Em *Actas do VII Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*, editado por Regina Zilberman, 103–114. Providence: Brown University.
- Torres Feijó, Elías José. 2007. “O 25 de Abril e as suas imediatas conseqüências para e no protossistema cultural galeguista”. Em *Actas do VII Congreso Internacional de Estudos Galegos. Mulleres en Galicia. Galicia e os outros pobos da Península*, editado por Helena González e Xesús Lama, 689–702. Sada: Edicións do Castro/Asociación Internacional de Estudos Galegos/Universitat de Barcelona.
- Torres Feijó, Elías José. 2009. “Portugal nas velas do galeguismo contemporâneo: de Teófilo Braga a Manuel Rodrigues Lapa”. Em *Actas do I Congresso Internacional: O pensamento luso-galaico-brasileiro (1850–2000)*, vol. 3, 371–402. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa/Instituto Nacional-Casa da Moeda.
- Torres Feijó, Elías José. 2018. “Portugal, para quê? Para umha interpretação do corpus identitário galego: potencial e carências no relacionamento galego-português”. Em *Sobre conflito linguístico e planificação cultural na Galiza contemporânea. Dez contributos*, editado por Elías José Torres Feijó e Roberto Samartim, 257–283. Santiago de Compostela: Através.
- Torres Feijó, Elías José e Roberto Samartim. 2018. *Sobre conflito linguístico e planificação cultural na Galiza contemporânea*. Santiago de Compostela: Através.
- Valerià Paül, Carril e Juan Trillo Santamaría. 2014. “La construcción literaria de los paisajes fronterizos. Una reflexión a propósito del Couto Mixto”. *Documents d'Anàlisi Geogràfica* 60, n.º 2: 289–314. <http://dx.doi.org/10.5565/rev/dag.120>.
- Vázquez Sola, Manuel. 2006. “La prensa regional, el caso de Galicia”. *Hispanística* 20, n.º 23: 185–189.
- Villares, Ramón. 1983. “As relacións da Galiza con Portugal na época contemporánea”. *Grial* 21, n.º 81: 301–314.
- Villares, Ramón. 2002. “Portugal e o galeguismo”. Palestra dada na III Conferencia Anual Plácido Castro. <https://www.fundacionplacidocastro.com/conferencia-anual/3a-conferencia-anual-portugal-e-o-galeguismo>.

